

COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

A experiência do Grupo  TermiSul

Organização

Cleci Regina Bevilacqua
Denise Regina de Sales
Márcia Moura da Silva
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Sandra Dias Loguerio

editora


COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

Porto Alegre • 2023 • 1ª edição

Organização

Cleci Regina Bevilacqua
Denise Regina de Sales
Márcia Moura da Silva
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Sandra Dias Loguercio

editora

ZO
UK

2023 © Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura da
Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Cristiane Krause Kilian

Revisão técnica: Silvana de Fátima Bojanoski

Design da capa: Mateus Moura Godinho

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

C735

Como elaborar um dicionário especializado? [recurso eletrônico] /
organizado por Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura
da Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio - Porto
Alegre, RS : Zouk, 2023.

137 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-119-7 (Ebook)

1. Dicionário. I. Bevilacqua, Cleci Regina. II. Sales, Denise Regina de. III.
Silva, Márcia Moura da. IV. Título.

2023-????

CDD 403

CDU 403

direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Posfácio

Por uma Terminografia que faça a diferença

Maria José Bocorny Finatto

Este livro pretende introduzir o leitor à área da Terminografia, um território de práticas e de estudos. Um espaço de conhecimento que tem a produção de dicionários e obras afins, tais como glossários, bancos e bases de dados, como um ponto focal. Este manual tem, antes de tudo, o objetivo maior de dar a conhecer os pontos básicos do trabalho com textos e discursos especializados, de temática técnico-científica. Mostra-se, enfim, como é feito todo o trabalho que dá origem a essas obras e repertórios dicionarísticos. Quem vê, busca ou usa um produto desse tipo, muitas vezes, não tem conhecimento do que ele demandou para, concretamente, existir.

Além de indicar, didaticamente, um passo a passo, indispensável para a formação de novos terminógrafos e terminólogos, este é um manual, um guia, uma fonte que visa a motivar seus leitores à exploração dessa área prática e dos estudos e pesquisas a ela conectados. Assim, cada capítulo sintetiza pontos importantes, mas também estimula o aprofundamento dos assuntos, dos conhecimentos sobre os instrumentos. São orientações para quem inicia sua caminhada. Em meio à história do nosso grupo de pesquisas, o grupo Termisul, chama-se a atenção para o *modus operandi* de projetos de produção dicionarística. Apresentam-se seus diferentes formatos e etapas, o que se precisa fazer até a organização de bases de dados e de arquivos terminológicos, com especial destaque para os materiais que servem de apoio e fonte para as tarefas de tradução especializada.

Ao receber o convite para este posfácio, foi inevitável não recordar minha participação na construção de uma base de dados multilíngue do Termisul, a que deu origem ao Glossário de Gestão Ambiental (Krieger *et al.*, 2006). Foi a base denominada Gestamb, na qual reunimos, junto com toda uma equipe, as terminologias das normas técnicas ambientais,

dos manuais técnicos e das leis. Além do português, toda a terminologia foi apresentada em quatro línguas estrangeiras: alemão, espanhol, francês e inglês, e cada língua demandou a reunião de conjuntos de fontes documentais diferentes. Muitas encontramos disponíveis apenas em formato impresso, as quais digitalizamos e processamos como *corpora*.

Naquela ocasião, já empregávamos a maioria dos procedimentos destacados nesta obra, que hoje se concretiza em um manual que é também um testemunho de experiências. Experiências de várias pessoas e espelhamento das nossas diferentes perspectivas sobre o que o/um trabalho terminológico representa. Afinal, sempre tentamos equacionar – e não necessariamente resolver – questões diversas, as quais permeiam os títulos de alguns capítulos deste tão necessário Manual de Terminografia: teorias e práticas; tomada de decisões de projetos com temas mais ou menos específicos; identificação do destinatário do trabalho e de suas necessidades; escolha de métodos, equipe de trabalho e de instrumentos; desenho do repertório das fontes documentais de estudo; seleção das fontes de apoio; desenho de sistemas de conceitos e suas conexões; identificação de padrões da linguagem especializada em foco; seleção das terminologias e de respectivas informações conceituais e linguísticas, definição do dossiê dos termos – estabelecimento da ficha com os dados de cada termo/expressão em foco; o estudo contrastivo em diferentes línguas e identificação de equivalências ou mesmo de “vazios” entre termos em línguas diferentes; síntese de seus usos e valores culturais; e, finalmente, o desenho e a concretização do material de saída para consulta do destinatário.

Todas essas etapas de trabalho são, hoje, em grande parte, mediadas e estabelecidas por recursos e técnicas computacionais, advindos da Linguística de *Corpus* e do Processamento de Linguagem Natural. Essas duas áreas redesenharam os processos de Recuperação da Informação e os modos de representação e de conexão de conteúdos dispersos em fontes textuais, mesmo as que estejam em diferentes idiomas. Mas, a despeito desse progresso tecnológico ímpar para a Terminografia e a Terminologia, os elementos-chave que dão mais valor ao percurso e ao produto do trabalho

serão sempre o olhar e o discernimento subjetivos, as atenções das pessoas nele envolvidas.

Nesse caminho, ajudamos a estabelecer e a difundir a ideia de que é importante favorecer a acessibilidade textual e terminológica (ATT). Para quem busca democratizar o acesso à informação e favorecer os bons diálogos entre especialistas e leigos, a Terminografia didático-pedagógica mostra-se essencial. Com ela, destacaram-se as perspectivas teóricas e metodológicas das dicionarizações em geral mais afeitas aos diálogos com um cenário de saberes e conhecimentos em movimento: pessoas que sabem e pessoas que querem saber. A *acessibilidade* envolvida, sempre frisamos, não diz respeito apenas à compreensão das terminologias, “dos termos técnicos”, de vocabulários “peculiares” e respectivos conceitos, estejam eles em isolado, em “redes” ou em nuvens de palavras que, hoje, servem para resumir documentos. Lidamos, sim, com textos e terminologias em situações comunicativas diferenciadas e, sobretudo, com pessoas e conhecimentos em diálogo. Estão em jogo elementos comunicativos, cognitivos, discursivos, sócio-históricos e linguístico-enunciativos, o que demanda uma perspectiva que já referimos como *textualista* (Finatto, 2004, p. 349). Mas, como vejo hoje, é algo que vai bem mais além.

Finalizando, ao saudar a existência desta obra e cumprimentar as pessoas que a concretizaram e reconhecer seus esforços, vale retomar o título deste posfácio: a Terminografia que faz a diferença. Essa, para mim, é aquela que é capaz de conectar as pessoas em torno de um manancial – ou mesmo de uma lacuna – de conhecimentos e de saberes que, para existirem, precisam de movimento e de transformação contínuos. Fazer diferença, via Terminografia, é instrumentalizar os diálogos, sistematizar e mostrar os valores e as culturas que permeiam as práticas de comunicação técnico-científica – em seus mais diferentes cenários e circunstâncias. Assim, a partir dos trabalhos realizados e mesmo já ao longo deles, a Terminografia que faz a diferença chama os envolvidos para a reflexão e, sobretudo, para as ações praticadas em meio aos domínios de especialidade, que são reconhecidos e repertoriados em diferentes projetos: da Culinária à Física Quântica. É um trabalho que, ao nos mostrar um

panorama de conhecimentos expressos e organizados via usos de linguagem, também aponta para aquelas ações que ainda precisam ser construídas. Por isso, desejo que a leitura deste manual nos seja inspiradora!

Porto Alegre – RS, Inverno de 2022.

Referências

KRIEGER, Maria da G.; MACIEL, Anna Maria B.; BEVILACQUA, Cleci R.; FINATTO, Maria José B.; REUILLARD, Patrícia C. R. *Glossário de Gestão Ambiental*. São Paulo: DISAL, 2006.

FINATTO, Maria José B. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da G. (Orgs.) *As Ciências do Léxico*. Volume II. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2004.